

A MAMOA 4 DA ALIVIADA, ESCARIZ-AROUCA

por

Fernando Augusto P. Silva*

1. INTRODUÇÃO

A Mamoa 4 da Aliviada é, como a sua numeração indica, o quarto monumento em ordem, existente na área com aquele micro-topónimo¹ e faz, ao mesmo tempo, parte de um núcleo restrito de monumentos funerários muito próximos entre si, o que nos levou a considerar tal núcleo como uma «necrópole»² (SILVA, 1987).

A assim designada «necrópole» da Aliviada é constituída por cinco montículos funerários, todos eles diferentes entre si, e de que se estudaram três deles³, estando inserida num núcleo de sete monumentos, dentro do Conjunto Megalítico de Escariz⁴ (SILVA, 1988) (Fig. 1).

O monumento que será objecto desta comunicação foi o último a ser estudado naquela «necrópole», tendo os trabalhos aí decorrido em duas campanhas de escavação, de que passaremos de imediato à apresentação dos resultados obtidos.

2. DESCRIÇÃO

A Mamoa 4 da Aliviada apresenta uma localização excepcional em relação aos restantes monumentos do Conjunto Megalítico de Escariz os quais estão maiorita-

* Arqueólogo. Centro de Arqueologia de Arouca, Apartado 39 — 4540 AROUCA.

¹ Tal micro-topónimo aparece duplamente escrito, ora tanto como o termo por nós utilizado, de Aliviada ou então de «Alviada». É curioso referir que na documentação antiga aparece, indistintamente, ora um ora outro, parecendo-nos contudo que este último termo é a corruptela de «Aliviada», pelo que, sempre que nos referirmos a algum dos monumentos abrangidos dentro de tais micro-topónimos, optaremos sempre pelo original.

² Silva, Fernando-Augusto P. *A necrópole de tumuli da Aliviada, Escariz-Arouca: uma primeira abordagem*. Comunicação apresentada ao VI Colóquio de Arqueologia Portuguesa, Porto, 1987.

³ Os monumentos já estudados dentro da «necrópole» foram Aliviada 1, Aliviada 2 e o que serve de tema a este estudo, Aliviada 4. Os outros dois, Aliviada 3 e Aliviada 5, o primeiro será estudado futuramente e do segundo praticamente nada resta, pelo que o seu estudo está inviabilizado.

⁴ O conjunto Megalítico de Escariz apresenta a maior concentração de monumentos do concelho de Arouca, num total de 60.

riamente implantados em pequenas elevações inscritas em chãs. Ora aquele *tumulus* está construído a meia encosta de um pequeno *plateau*, a uma altitude de cerca de 569 metros. Situa-se sensivelmente a Oeste-Noroeste da Mamoa 2 da Aliviada, apresentando as seguintes coordenadas geográficas, segundo a Carta Militar de Portugal, Folha 154 — S. João da Madeira, Escala 1/25.000: 40° 55' 09" de Latitude Norte e, 8° 23' 22" de Longitude Este (Fig. 1).

O facto deste montículo estar implantado num pequeno planalto, sensivelmente a meio da sua encosta Este, não lhe confere carácter algum de destaque na paisagem, particularmente na sua relação com os restantes *tumuli* da «necrópole» pois, se por um lado a massa volumétrica não é de molde a conferir-lhe tal estatuto, tendo embora em conta a compactação sofrida ao longo do tempo, também a própria altitude a que se encontra lhe dá um lugar indiferenciado pois, a diferença de cotas altimétricas entre este montículo e os circundantes é muito pequena, pouco mais de um metro⁵.

As dimensões da mamoa, devido à vegetação que a cobria e aos revolvimentos de terras, pareciam umas, para mais, do que aquelas que seriam reveladas pelo desbaste da vegetação e pela escavação. Estamos assim perante uma mamoa com um diâmetro de cerca de vinte e três metros, a que corresponde um *tumulus* de cerca de dezassete metros de diâmetro e a planta apresenta-se de formato circular, sendo o seu perfil em calote, com uma altura acima do solo actual, de cerca de 0,60 metros.

Tal como temos assinalado para todos os monumentos da região, também aqui era bem visível o negativo da violação, não sendo observável esteio algum correspondente à câmara funerária que conteria no seu interior. Em linhas gerais, e numa abordagem imediata do monumento, apenas se poderia dizer que estávamos perante um montículo aparentemente de terra, com uma grande cratera de violação no centro, sem qualquer outra indicação que se tornasse relevante para a compreensão do monumento funerário, previamente a qualquer escavação. (Fig. 2)

2.1. Estrutura do *tumulus*

Como então verificamos, no decorrer dos trabalhos de escavação do monumento este, do ponto de vista estrutural, não se afasta muito daqueles já estudados, sendo como eles, no geral, constituído por terra e pedras, dispostas de maneira a servirem de invólucro a uma estrutura, *grosso modo* central, que tinha a função de servir como área deposicional funerária. Apesar deste aspecto formal, não se fique com a ideia de que todos os monumentos funerários na sua estrutura, não são mais que o decalque até à exaustão, uns dos outros o que não é verdade. Verifica-se até que essa variabilidade de soluções arquitectónicas, embora tenha pontos de contacto, existe até mesmo ao nível de núcleos.

⁵ As cotas altimétricas entre este monumento e os restantes apresentam apenas uma diferença de um metro pois, enquanto que aqueles se localizam a uma altitude de 570 metros, a Mamoa 4 da Aliviada tem uma altimetria de 569 metros, pelo que para este *tumulus* joga muito mais a seu favor o facto de estar implantado a meia encosta do *plateau* de Caçús.

O *tumulus* da Mamoa 4 da Aliviada, após os trabalhos iniciais de decapagem das sanjas onde se iria proceder à escavação, revelou que não se apresentava integralmente coberto por couraça de pedras, como se conhece para outros monumentos já estudados na região⁶.

De facto, apenas no sector voltado a Este, tal cobertura existe de forma inequívoca (Fig. 3), estando porém muito destruída e irregular, com os seus elementos líticos formativos, de pequeno tamanho, dispostos sem conexão entre si. Já para o sector Oeste essa cobertura está limitada essencialmente à periferia do *tumulus*, parecendo tratar-se antes de um anel de contenção periférica, com funções de delimitação do montículo tumular e protecção face a possíveis ravinamentos das terras monticulares.

Quanto à estrutura interna do montículo verifica-se que apresenta uma composição formada essencialmente por terras amareladas, em tudo idênticas às terras da alterite xisto-grauvácica que é a rocha do substrato rochoso, não se diferenciando nível estratigráfico algum.

Numa leitura vertical, tomada a partir do corte longitudinal do monumento, de direcção Norte-Nordeste, Sul-Sudeste, verificamos a ausência de estratigrafia, sobressaindo apenas o nível das terras húmusas superficiais, de coloração castanho-escuro e aquelas infiltrações radiculares de que ficou o registo na masse do *tumulus* (Fig. 4) devido à sua coloração castanho-escuro ou muito escuro, quase negro.

A massa tumular apresenta, deste modo, uma grande homogeneidade, devido possivelmente ao facto de as terras que a formam não serem terras superficiais, que aqui apresentam pouca espessura, com níveis de solo arável quase irrisórios, mas sim terras do subsolo. Pela textura, pela granulometria e pela côr, tudo indica que os construtores recorreram às terras provenientes da camada xisto-grauvácica de base, até como forma de economia de dispêndio de energia na construção do monumento.

Pelo que nos foi dado observar durante os trabalhos de escavação, não foi assinalado nível algum, correspondente ao solo anterior à construção do *tumulus*, donde parecer que terá sido possivelmente destruído pelos autores da erecção da Mamoa 4, os quais terão previamente limpo o local⁷.

Em conclusão ao que ficou dito sobre a estrutura do *tumulus*, é clara a sua identidade estrutural face a outros monumentos do conjunto, ainda que pareça apresentar maiores afinidades com a Mamoa 1 do Calvário, no que diz respeito ao tipo de couraça e anel de contenção periférica⁸, e noutros aspectos como veremos.

⁶ Estão nesse caso as Mamoa 1 da Aliviada, Mamoa 1 de Alagoas e Mamoa 4 de Alagoas, o mesmo acontecendo com o pequeno *tumulus* da Urreira, a Mamoa 8.

⁷ Parece-nos de facto que os construtores limparam o local, previamente à construção do monumento pois conhecemos outros monumentos, em que a matéria-prima utilizada foi a mesma mas em que o registo arqueológico nos mostra a existência do solo antigo enterrado, como por exemplo na Mamoa 1 do Calvário.

⁸ Também como neste monumento, há troços de cobertura pétreia reduzidos quase exclusivamente à periferia monticular, mostrando-se em corte como anel de contenção periférica.

2.2. Estruturas internas do *tumulus*

As estruturas internas do *tumulus* da Mamoa 4 da Aliviada apresentaram-se muito destruídas, não restando praticamente nada, arquitetonicamente falando, da câmara funerária que terá existido dentro do *tumulus*. Deste modo, as quatro sanjas de escavação permitiram visualizar toda a estrutura de contrafortagem da câmara dolménica aquela estrutura melhor conservada, e as valas de colocação dos esteios formativos daquele espaço deposicional funerário. (Fig. 5)

Este anel de contrafortagem, construído sobre uma potência de terra de cerca de 0.30 metros, nos pontos onde se encostaria aos esteios, dispunha-se em plano inclinado para a periferia, assentando directamente sobre a rocha de base, donde tem vincadamente as características de um verdadeiro anel de contrafortagem, o qual terá sido construído após os edificadores do monumento funerário terem colocado os esteios formativos da câmara funerária, nas suas valas respectivas.

Muito destruído em alguns pontos, como na sanja Norte, onde o tramo do contraforte quase que se reduz a apenas uma fiada de blocos graníticos, pudemos constatar, através do alargamento da área de escavação, que o mesmo não apresentava interrupção em ponto algum, sendo pelo contrário completamente fechado, rodeando assim por completo a câmara, pelo que pomos desde já a hipótese de que aquela seja uma câmara funerária fechada, embora não possamos afastar a hipótese de o *tumulus* da Mamoa 4 da Aliviada cobrir uma área deposicional aberta, ainda que os dados que possuímos apontem bem mais para a primeira hipótese.

Quanto à câmara funerária contida no interior do *tumulus* da Mamoa 4, os dados apresentam-se muito fragmentários, tal o estado de destruição que pudemos constatar. O espaço delimitado pelo anel de contrafortagem apresentava um revolvimento muito grande, estando mesmo a rocha de base muito alterada, desfazendo-se ao menor contacto, com os afloramentos de xisto-grauvaque, na sua maioria deteriorados, donde um cuidado redobrado para poder definir-se, da forma mais clara possível, as valas de colocação dos esteios e até algum fragmento de esteio que pudesse subsistir, facilitando deste modo a definição da câmara funerária.

Apesar dos cuidados postos na decapagem da área interior do anel de contrafortagem, as fossas assinaladas não são muito nítidas não apresentando contorno regular, com o xisto-grauvaque todo fissurado, o que engana facilmente o menos atento. Deste modo apenas consideramos como valas de esteios, duas fossas, uma que tem uma orientação de Norte-Noroeste e outra, orientada de Sul-Sudeste.

A decapagem permitiu ainda assinalar o que restava de um esteio colocado na sua vala, a Oeste, com uma orientação axial de Norte-Sul e que apresentava as seguintes dimensões: largura média 0,80 m, espessura média 0,09 m e uma altura, acima da rocha de base, de cerca de 0,20 m; o tipo de laje em presença, ainda que fracturada, leva-nos a pôr a hipótese de se tratar do resto da laje de cabeceira.

Outro fragmento ainda de esteio, foi assinalado no canto Este, fazendo parte do remeximento aí verificado, e tem uma largura média de 0,63 m, uma espessura de 0,24 m e uma altura conservada em 0,9 m.

Quanto às dimensões do espaço delimitado pelo anel de contrafortagem e tomando em atenção as valas e o esteio, ou melhor o que dele resta, estamos em presença de um espaço poligonal alongado no sentido Este-Sudeste, com um comprimento de cerca de 2,44 m e uma largura de cerca de 1,80 m, apresentando-se o solo da câmara assim, hipoteticamente, delimitada, rebaixado para um nível inferior ao da rocha de base circundante.

Em resumo, os trabalhos de escavação da Mamoa 4 da Aliviada demonstraram que a mesma cobriu um espaço deposicional funerário, de planta poligonal, orientado de Este-Nordeste, Sul-Sudeste, presumivelmente aberto a Este-Nordeste, sem se excluir a hipótese de se tratar de uma câmara funerária fechada. (Fig. 6)

3. ESPÓLIO

O espólio assinalado para este monumento é reduzido se tomarmos em linha de conta com aquele espólio registado para outras estruturas funerárias já estudadas na região, o que confirma quanto o monumento foi sujeito a violações, pelo que não é de estranhar que aquele se resume a algumas, poucas, peças, todas líticas, com completa ausência de cerâmica.

Está distribuído pelos artefactos líticos, elementos de adorno e um objecto lítico indeterminado. Os artefactos líticos compreendem cinco micrólitos, dos quais três trapézios, assimétricos dois e um simétrico e dois crescentes assimétricos; um fragmento de lâmina, ponta proximal, com «coche» retocado no bordo esquerdo e um outro fragmento de uma lâmina que deveria ter grandes dimensões, correspondente à parte mesial, não retocada mas, como a anterior, com serrilhado de uso. Todos estes artefactos foram elaborados a partir da matéria prima sílex, com tonalidades entre o castanho creme e o castanho claro.

Os elementos de adorno constam essencialmente de vinte e uma contas discóides em xisto, todas perfuradas, a que se vieram juntar duas pequenas contas de matéria prima desconhecida, uma das quais azulada. Quanto ao elemento indeterminado consiste no fragmento de um pequeno disco em xisto, com perfuração cónica descentrada (Fig. 7).

Resume-se assim a 31 peças o espólio que obtivemos durante os trabalhos de escavação da Mamoa 4 da Aliviada, Escariz. Espólio escasso é certo, mas muito menos do que se conhece para outros monumentos, porém rico em apontar possíveis conexões com outras estruturas tumulares estudadas na região, ainda que nunhuma destas peças nos pareça servir de fóssil director. Contudo, não deixa de ser significativo que, de todos os *tumuli* megalíticos estudados, apenas esta associação dos micrólitos geométricos, com as lâminas e as contas de colar, apenas esteja ausente num único monumento, a Mamoa 1 do Calvário⁹, monumento esse que consideramos tardio

⁹ Acompanhando os micrólitos geométricos, as lâminas e os dois machados não foram assinalados elementos de adorno alguns, mas sim vários fragmentos de recipientes cerâmicos que parecem apontar para horizontes calcolíticos.

dentro destas tumulações megalíticas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo sobre tudo aquilo que se deixou dito, é de reter o seguinte: a escavação da Mamoa 4 da Aliviada, na freguesia de Escariz do concelho de Arouca, revelou-se um *tumulus* clássico, no tocante ao megalitismo desta região. Deste modo temos um montículo formado por terras de extracção local, sem estratigrafia alguma, recoberto parcialmente por uma carapaça de pedras em granito. Delimitando este *tumulus*, foi construído um anel de contenção periférica formado por lajes também em granito, estando algumas delas fincadas na alterite xisto-grauváquica de base.

Este montículo terá coberto muito possivelmente um espaço deposicional funerário de planta poligonal alongada, definido por ortostatos em granito, orientado de Este-Nordeste, Sul-Sudeste, o qual era por sua vez rodeado por um anel de blocos graníticos que lhe fazia a contrafortagem por inteiro. Desconhecemos qual o tipo de pavimento que deve ter existido sobre a alterite de base, para uma melhor deposição dos cadáveres, pois nada existe que permita aperceber da existência de pavimento, embora seja possível a sua existência devido ao muito irregular do afloramento xisto-grauváquico.

Do espólio recolhido dentro do espaço delimitado pelo anel de blocos, à excepção da lâmina nº 7, podemos constatar a sua homogeneidade, em tudo idêntica à assinalada em outros monumentos estudados na região, com excepção da Mamoa 1 do Calvário onde tal não se verifica pois aí estão ausentes as contas de colar em xisto.

Uma análise cronológico-cultural, embora precária, deste monumento, leva-nos por comparação, pois faltam-nos os imprescindíveis dados absolutos, a colocar este túmulo no mesmo ambiente que outros como Aliviada 1 e Alagoas 1 e 4, sem estarmos contudo, com isto, a defender a coetaneidade de todos eles pois, é bem provável que haja desfazamentos cronológicos entre si, o que de momento se desconhece, embora dos *tumuli* estudados, o da Mamoa 4 da Aliviada parece dar a abertura a um monumento como o do Calvário, isto a título meramente hipotético, pelo que temos que aguardar a prossecução dos estudos dos *tumuli* nesta região privilegiada, como é todo o concelho de Arouca, para o estabelecimento de um mais claro e coerente quadro cronológico-cultural.

6. BIBLIOGRAFIA

- FERREIRA, A. Brum (1978), Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia. *Mem. do Centro de Estudos Geográficos*, nº 4, Lisboa.
- JORGE, V.O. (1980), *Megalitismo do Norte de Portugal: O Distrito do Porto—Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, vol. I, Diss. Dout. Fac. Letras da Universidade do Porto, Porto.
- MEDEIROS, A. Cândido (1964), *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha*

13-B Castelo de Paiva, Escala 1/25.000.

- PEREIRA, Eurico e Gonçalves, L. Severo (1980), *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 13-D Oliveira de Azeméis, Escala 1/25.000.*
- SILVA, Fernando-Augusto P. (1985), Monumentos Megalíticos da freguesia de Escariz (Arouca). Ponto da situação à luz dos primeiros trabalhos. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, fasc. 1-4, vol. XXVI, pp. 51-74, Porto, 1986.
- SILVA, Fernando-Augusto P. (1986), Características do Megalitismo na freguesia de Escariz (Concelho de Arouca). *Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca*, pp. 21-38, Arouca, 1987.
- SILVA, Fernando-Augusto P. (1987), Escavação da Mamoa 2 da Aliviada(Alviada)-Escariz. Arouca, 1984. *Arqueologia*, 15, pp. 77-91, Porto.
- SILVA, Fernando-Augusto P. (1987-a), A Necrópole de «tumuli» da Aliviada, Escariz-Arouca: uma primeira abordagem. *Lucerna* (no prelo).
- SILVA, Fernando-Augusto P. (1988), O Megalitismo da Bacia do Arda (Concelho de Arouca) e o seu relacionamento com o Meio Físico: contribuição para o estabelecimento de um modelo explicativo locacional. *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu* (no prelo).

Oliveira de Azeméis, 1988

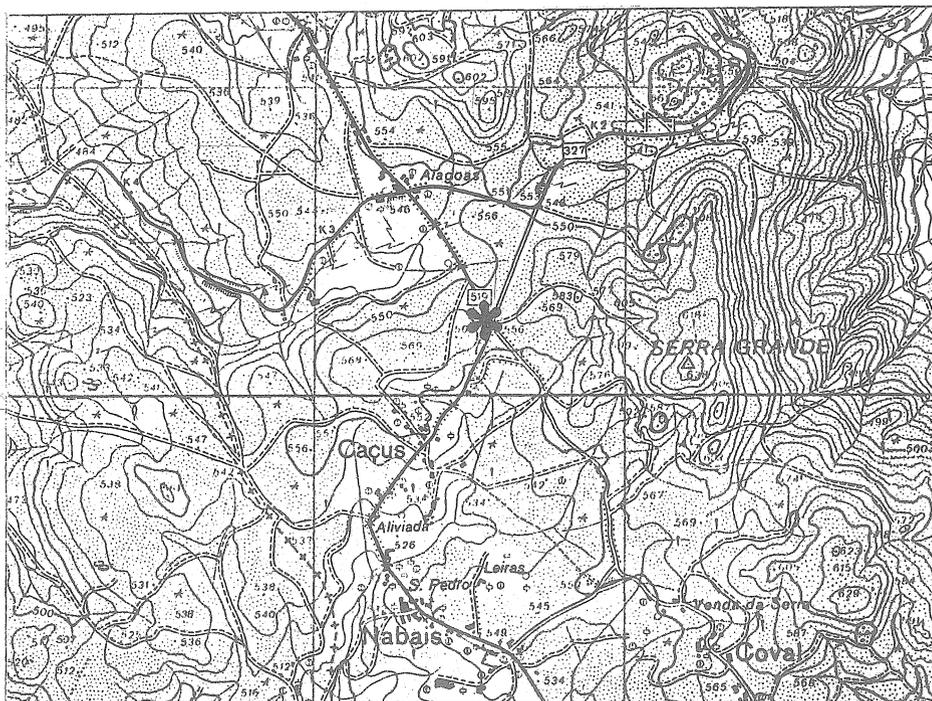


Fig. 1 — Localização da Mamoa 4 da Aliviada, segundo a Carta Militar de Portugal, Folha 154 — S. João da Madeira, Escala 1/25,000, dos S.C.E.

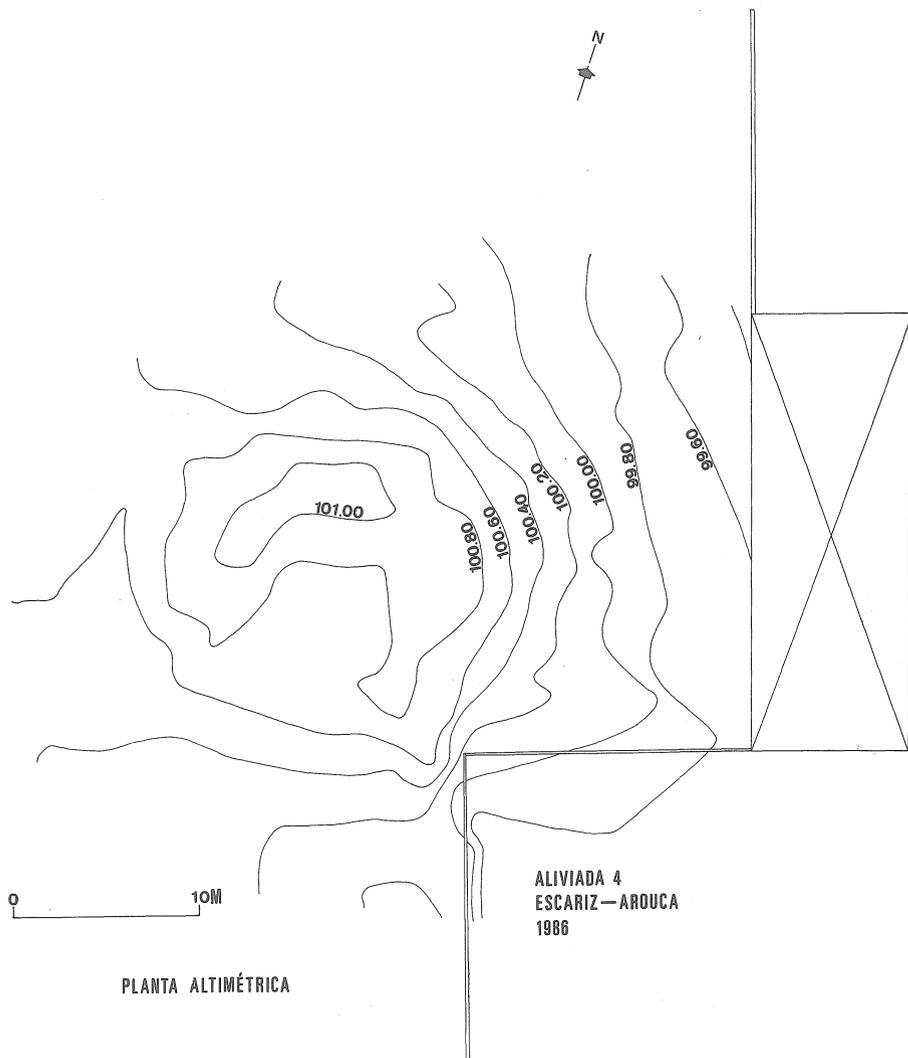


Fig. 2 — Altimetria da Mamoa 4 da Aliviada.

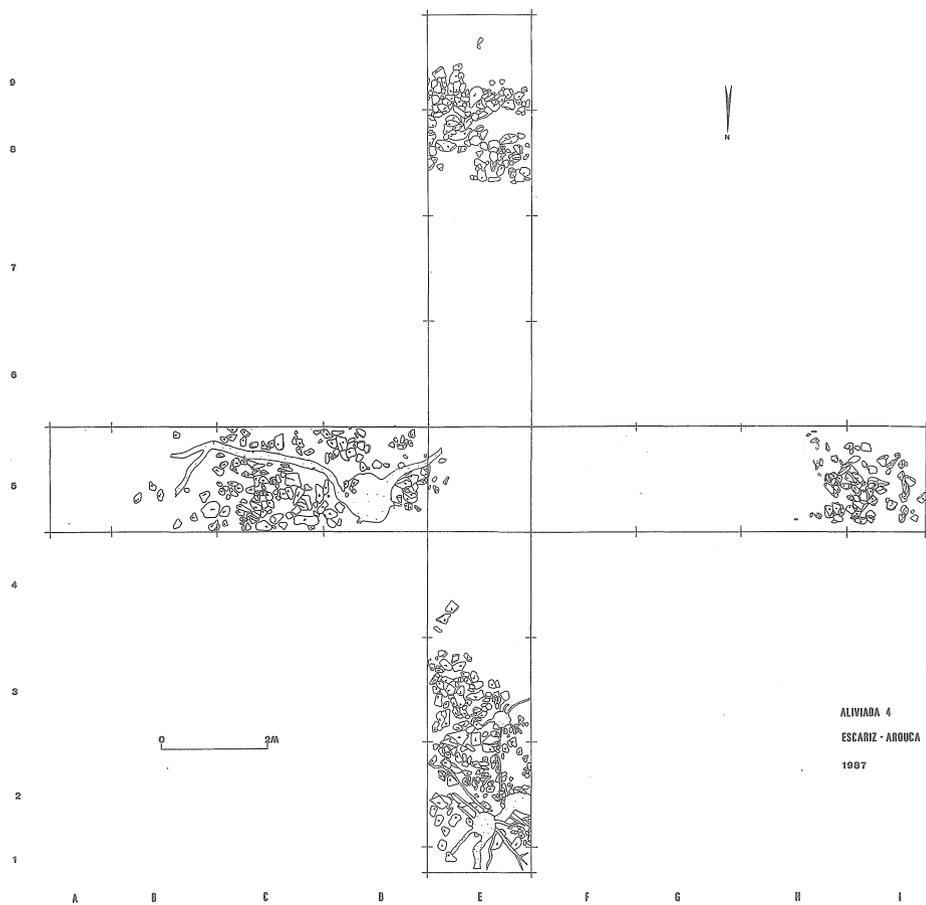


Fig. 3 — Planta das áreas decapadas da Mamo 4 da Aliviada.

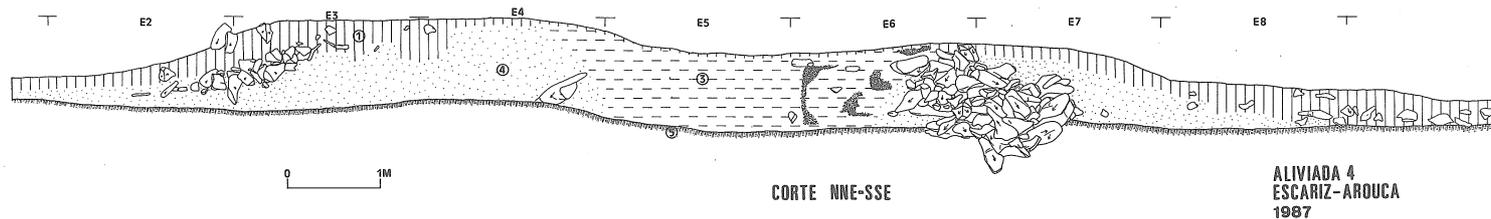


Fig. 4 — Corte longitudinal da Mamoa 4 da Aliviada, orientado de Norte-Nordeste, Sul-Sudeste, e cuja leitura estratigráfica é a seguinte:
 1 — terra humosa vegetal; 2 — infiltrações de raízes; 3 — zona de violação do *tumulus*; 4 — massa tumular;
 5 — alterite xisto-grauváquica de base.

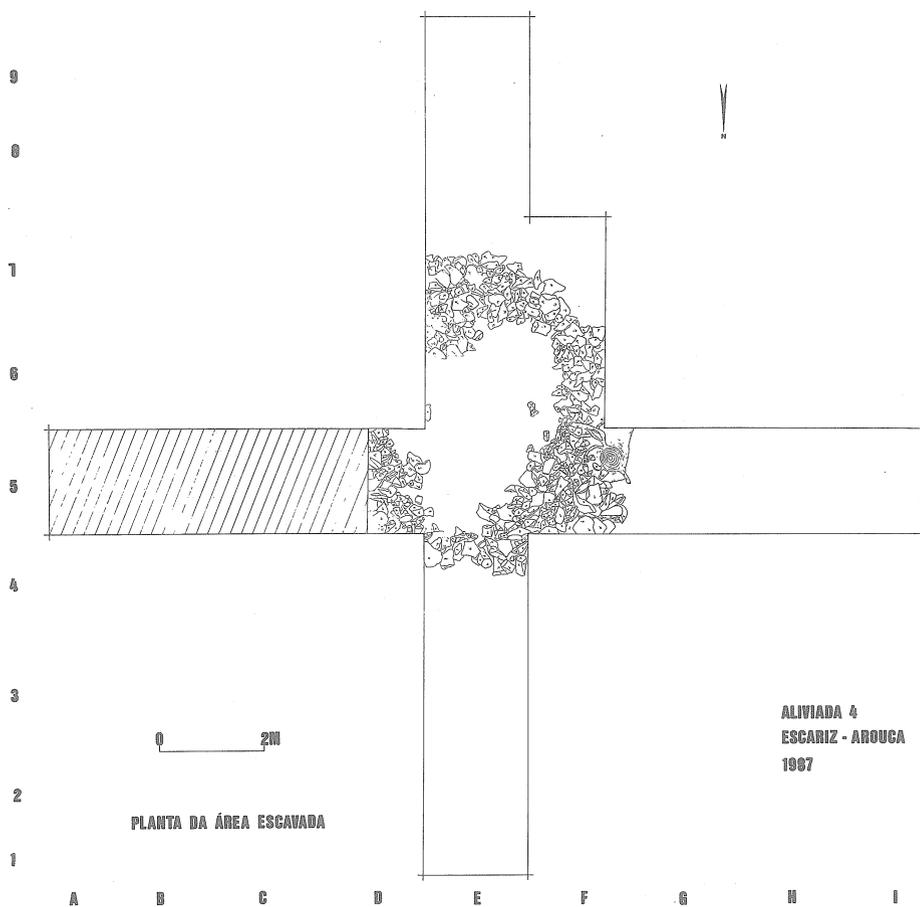


Fig. 5 — Planta das sanjas de escavação da Mamoa 4 da Aliviada. A tracejado a sanja que não foi aberta, devido à existência nesse local de um grande eucalipto.



Fig. 6 — Vista parcial da Mamoa 4 da Aliviada durante uma fase dos trabalhos.

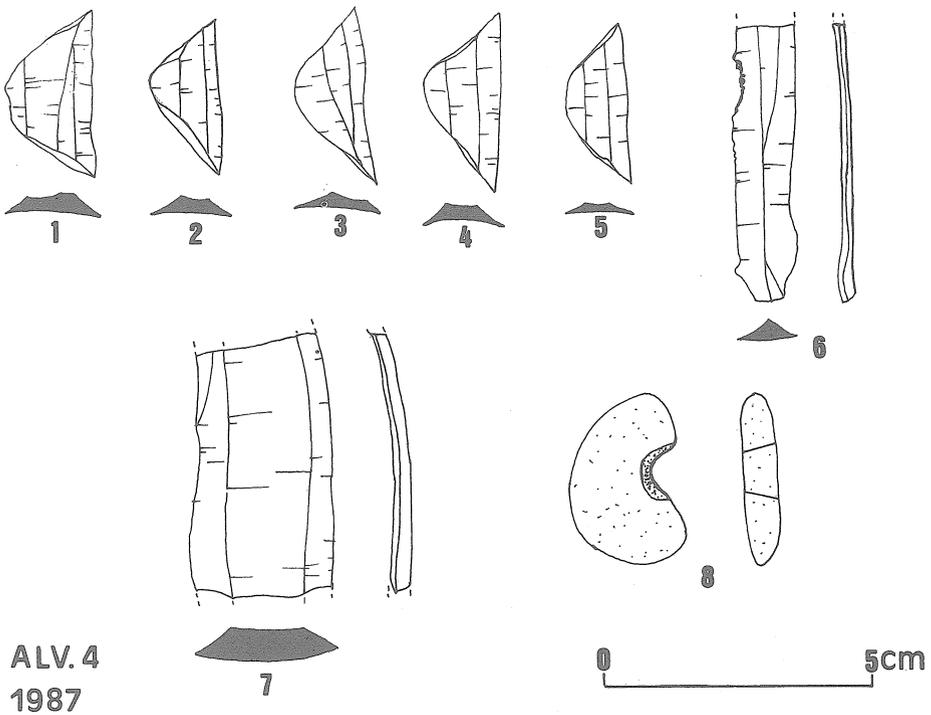


Fig. 7 — Espólio da câmara funerária contida na Mamoa 4 da Aliviada.